



ADEUS À BENGALA! A VELHICE ESTRUTURADA NOS VOCÁBULOS: ATIVA E MUSCULAR

Maria Simone Vione Schwengber¹

RESUMO

A presente pesquisa objetiva refletir a produção do novo velho presente na contemporaneidade. A teorização que orienta o movimento investigativo ampara-se no conceito de governamentalidade de Foucault (2004) desdobrados em um estudo do processo do envelhecer contemporâneo. De forma mais específica, selecionei o encarte jornalístico denominado Saúde, veiculado no Jornal da Manhã, de Ijuí (RS). Os encartes editados de 2008 a 2010 foram analisados no sentido de discutir as seguintes questões: de que modo as imagens apresentam a experiência do envelhecimento? Que discursos acerca do corpo velho se articulam em produzir tais representações? Das análises feitas, mostrei alguns resultados. Em uma socialização contemporânea, cria-se um novo velho: um velho/a ativo/a, que deve se manter a partir das figuras do governo da atividade, seja física, cognitiva, sexual, informacional. Aponta-se, assim, para a necessidade de se reinventar a velhice a partir de produção capital dos seus corpos. As imagens de vovós fazendo tricô, fazendo uso da bengala, são cada vez mais incomuns, sendo substituídas por uma campanha identitária que investe na direção de uma velhice, tanto a masculina quanto a feminina, mais ativa, saudável, produtiva.

Palavras-chave: mídia; corpo; envelhecimento; gênero.

**FAREWELL TO THE WALKING-STICK! OLD AGE AS STRUCTURED BY THE WORDS:
ACTIVE AND MUSCULAR**

ABSTRACT

This research aims at reflecting upon the production of “new elders” in contemporaneity. Both the Foucault (2004) concept of governmentality have guided this investigation, which has been unfolded in a study of the contemporary aging process. More specifically, I have selected the newspaper supplement called Health, published by Jornal da Manhã in Ijuí-RS, comprehending the period from 2008 to 2010. The discussion has included the following questions: How do images present the aging experience? Which discourses about the old body have been articulated to produce such representations? The analyses have shown a contemporary socialization in which “new elders” (active ones) have been created, supported by the ruling of their physical, cognitive, sexual, informational activity. This has pointed out the need for “reinventing the old age” from the production of (body) capital. Pictures of

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora dos Mestrado em Educação - do Programa de Pós-Graduação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI)



grandmas knitting or walking with the help of a walking-stick have become increasingly rare. They have been replaced by a noisy identity campaign that invests in a more active, healthier, and more productive old age, one that we could call “Olympic old age”, with inflated biceps, buttocks and breasts.

Key words: *media, body, aging, gender.*

ADIÓS AL BASTÓN! LA VEJEZ ESTRUCTURADA EN LOS TÉRMINOS: ACTIVA Y MUSCULAR

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo reflexionar sobre la producción del “nuevo viejo” en la contemporaneidad. La teorización que orienta la investigación se alberga en el concepto de gubernamentalidad de Foucault (2004), desdoblados en un estudio del proceso de envejecer contemporáneo. De forma más específica, seleccioné el folleto periodístico denominado Salud vehiculado en el Jornal da Manhã de Ijuí-RS entre 2008 y 2010, visando a discutir las siguientes cuestiones: ¿De qué modo las imágenes presentan la experiencia del envejecimiento? ¿Qué discursos a cerca del cuerpo viejo se articulan en producir tales representaciones? Como resultado de los análisis, se observa una socialización contemporánea en que se crea un “nuevo viejo” (activo), un(a) viejo(a) que debe mantenerse a partir de las figuras del gobierno de la actividad, sea física, cognitiva, sexual, informacional, lo que apunta para la necesidad de “reinventarse la vejez” a partir de producción de capital (de los cuerpos). Imágenes de abuelos tejiendo o usando bastón son cada vez más incommunes, siendo substituidas por una ruidosa campaña identitaria que invierte en la dirección de una vejez, tanto la masculina como la femenina, más activa, saludable, productiva, que podríamos llamar de “viejos/as olímpicos/as”.

Palabras-claves: *medios de comunicación, cuerpo, envejecimiento, género.*

1 AS FIGURAS DO GOVERNAMENTO E DO CAPITAL HUMANO: O ENVELHECIMENTO

A sociedade moderna, para Foucault (1999), é demarcada pelo investimento educativo nos corpos. Segundo o autor, é possível visualizar, na cultura ocidental, a passagem de um “estado territorial para um estado populacional”, estruturada no pressuposto de que a riqueza dos estados-nação não é definida pela presença apenas dos recursos naturais de seus territórios, mas, principalmente, pelo estado de saúde de suas populações. Emerge, aí, uma “nova administração calculista da vida [dos corpos]”, num processo denominado “estatização do biológico”, não apenas como poder sobre a vida, mas sobre a potência da vida (FOUCAULT, 1999, p. 135). A noção de vida alarga-se para além do biológico, inclui a sinergia coletiva, o social, os afetos e a inteligência. Como diz Lazzarato (2006), o bios é redefinido



intensivamente, no interior de um caldo semiótico e maquínico, molecular e coletivo, afetivo e econômico.

Nesse processo, articula-se o que Foucault (1999) chamou de biopoder, numa dupla forma: uma “anátomo-política” do corpo do indivíduo e uma “biopolítica” da população. A primeira tem a ver com a disciplina do corpo individual, “ampliação das suas aptidões, extorsões de suas forças, crescimento de sua docilidade e utilidade na integração com sistemas eficazes e econômicos” (ibidem, p. 131). A segunda está relacionada às intervenções dos saberes sobre o corpo-espécie e a preocupação em “controlar e regular” a população, bem como com a “proliferação de dados estatísticos sobre os nascimentos, a mortalidade, a velhice, os níveis de saúde e de duração da vida” (ibidem, p. 131).

Foucault (2008, p. 132) aponta, assim, o surgimento de uma nova era: a era do biopoder, que agrega as duas formas acima descritas. Para ele,

o biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos. Mas o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar.

Foucault (1999, p. 130) caracteriza esse período como a época em que o “velho poder de deixar morrer” sai de cena em favor de um “poder de fazer viver, devolver à vida”, uma vez que esta seria a primeira vez em que tanto o corpo individual quanto o corpo coletivo – a população – ingressaria no registro da política: a vida, o corpo e a saúde passariam a entrar em um espaço de intervenções, de regulação e de controle.

Para Foucault (2004, p. 114), “a população, seus habitantes, são também uma parte da riqueza das nações, e tal consideração não pode ser mais omitida pela economia”. Na opinião do autor, a população (crianças, mulheres, adultos, velhos), seus corpos e sua saúde representam um domínio que até então era considerado como não econômico.

No centro de sua nova consideração sobre a biopolítica, na via do neoliberalismo econômico, encontrava-se a ideia do *homo economicus*. López-Ruiz (2007a) indica, no entanto, que foi nos Estados Unidos – mais concretamente na Universidade de Chicago, a partir da segunda década do século XX – que Schultz, um economista, criou a categoria particular de teoria do capital humano, segundo a qual os indivíduos destinam seus corpos como recursos *capitais*. A teoria do capital humano – elaborada por representantes do neoliberalismo norte-americano – produz, conforme López-Ruiz (ibidem), uma transformação epistemológica, uma mudança na forma de pensar, de que os sujeitos em si mesmos e as populações são uma forma de riqueza. As ideias da teoria do capital humano passam, assim, a problematizar outras formas de domínios que não eram, tradicionalmente, tratadas pelas ciências em geral: a educação, a cultura, as migrações, a criação dos filhos, a saúde das crianças e a dos idosos, a busca pela longevidade etc.



Foucault (2004) destaca a emergência das “artes de governar”. Nessa perspectiva, a questão do governo diversifica-se, abrangendo: governo das almas e das condutas; governo de si mesmo; governo da casa, da família e das crianças, e que se estende hoje também ao governo dos idosos. O autor interessa-se, então, por pesquisar as formas flexíveis e sutis de controle e governo das populações e dos indivíduos. Para ele (ibidem, p. 114) “[...] vimos nascer algo como uma nova arte de governar, uma certa renovação da arte liberal de governar”. *Governamentalidade* é uma racionalidade que produz determinados modos de vida, como uma racionalidade mais ampla situada nas mãos do Estado e também inserida em uma complexa rede institucional.

Assim, por “razão *governamental*”, Foucault (ibidem) entende os tipos de racionalidade que atuam nos procedimentos em que a conduta dos homens é dirigida por meio de uma administração estatal, com políticas públicas. E também por outra parte, ao falar em “arte de se autogovernar”, deixa claro que não está tratando apenas de prática do governo, mas da maneira deliberada, pensada, de governar melhor e, ao mesmo tempo, da reflexão a respeito da melhor maneira de cada um se autogovernar. Verifica-se a presença “de uma certa racionalidade acerca dos comportamentos humanos, assim como de uma certa programação estratégica das atividades dos indivíduos”, que se traduz no “princípio de inteligibilidade dos comportamentos individuais” (ibidem, p. 249).

O capital humano é investido de um valor positivo, em que “cada pessoa deve – porque é economicamente conveniente, mas também porque é moralmente conveniente – aumentar suas habilidades, competências e destrezas a partir de investimentos constantes” (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 14). A partir de então, os sujeitos são tomados como os proprietários de suas habilidades, competências e destrezas corporais; por isso, existe a necessidade de “capitalizar o seu próprio capital” (ibidem, p. 14). O autor ainda pergunta: quem poria dúvida ainda hoje que o investimento (em educação, saúde, capacitação etc.) no humano aumenta seu valor?

Para López-Ruiz (ibidem), a teoria do capital humano propõe a reintrodução de um novo *ethos* na sociedade contemporânea: “*Ethos* empresarial: o capital humano” como valor social. Para os sujeitos manterem o valor de seu capital, deverão assumir a gestão de seu ativo, fazendo-se responsáveis pela atividade empresarial sobre o seu capital (seu corpo, sua saúde). A figura do “empreendedor” é revivida com suas características e valores e se transforma em um modelo social. Não se é um empreendedor qualquer, mas um empreendedor de si mesmo (LÓPEZ-RUIZ, 2007), tomando-se como seu próprio produtor de rendimentos.

Essa aceitação de um conjunto de atributos humanos como uma forma de capital e como o resultado de um investimento impõe a cada indivíduo um dever em relação a seu capital: cada indivíduo é responsável (e socialmente responsabilizado) pela manutenção do seu capital, é responsável pelo investimento que faz ou deixa de fazer em si mesmo (em suas capacidades, habilidades e destrezas corporais). [...] o que o *ethos* empresarial impõe é uma obrigação em relação a como gerir a vida: para o novo empreendedor empresário de si, cuidar de sua “empresa”, cuidar de si, torna-se um imperativo vital e uma exigência na sociedade contemporânea. (ibidem, p. 14).



Para Foucault (2004), trata-se da emergência de uma nova arte de governar-se. Seguindo as pistas do autor, entendo que o idoso constituído nas tramas do neoliberalismo emerge como um “um empresário de si”: “[...] novo sujeito econômico ativo deverá produzir-se a si mesmo por meio das novas tecnologias informacionais, nutricionais, educativas e físicas, as quais deverão ampliar suas capacidades” (CÉSAR; DUARTE, 2009, p. 123).

Na contemporaneidade, envelhecer² não é seguir um caminho já traçado – ao contrário, é trilhar um caminho em permanente construção –, de tal modo que identificamos um alargamento do espectro de significações que compõem a identidade do envelhecer, pois poucas coisas entusiasma tanto os idosos quanto discutir sobre taxas de colesterol, posturas anatômicas corretas, alimentação saudável e automedicação. Para Luft (2002), acorda-se, na contemporaneidade, já apressado para fazer academia (ou caminhar), senta-se à mesa de refeições preocupado/a com triglicérides e calorias e deita-se pensando em Viagra e seus assemelhados. O que mudou nessas significações é maneira como compreendemos o nosso corpo. Inclusive no envelhecimento, o corpo deixou de ser a morada de Deus para pertencer ao indivíduo, que se tornou plenamente responsável por ele.

A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade a comprar, conforme Bauman (2008). Para esse autor, consumimos mais que bens; consumimos formas de vida³, através do fluxo de imagens, de informações, de serviços que acessamos; absorvemos maneiras de viver, de vestir, de morar, modos de se cuidar e de ser (subjetividades); compramos sentidos (significações) de vida. Bauman descreve a presença de um consumidor “endividado”⁴, que está intimamente articulado como o “empresário de si”, que conduz sua vida como quem gerencia uma empresa, “buscando maximizar os seus ganhos, seu capital corporal” (BAUMAN, 2008, p. 113).

Esta parece ser a novidade na contemporaneidade: não se tem mais *script* pronto para se envelhecer. Schachter-Shalomi (1996, p. 25), pensando sobre as etapas da vida, acrescenta:

Da infância à idade adulta avançada, somos como trens que deslizam sobre trilhos altamente regulares que nos levam a destinos previsíveis. Quando a terceira idade se aproxima, chegamos ao fim da linha e descobrimos que a administração da ferrovia não previu mais trilhos. Temos que saltar do trem e caminhar – mas para onde? Qual é o nosso próximo destino?

Atualmente, verifica-se o aumento crescente da população com predomínio das faixas etárias mais avançadas e com melhores condições de saúde, mental e física, mais ativos e reivindicativos. Na esteira desse contexto, emerge a necessidade de reinventar a socialização da velhice contemporânea. Cria-se,

² No Brasil, segundo o IBGE, as estimativas para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá passar de 30 milhões de pessoas, representando 13% da população (CAMARGO, 2002).

³ Essa tendência estende-se até mesmo aos extratos mais carentes da população.

⁴ Um consumidor insatisfeito, que está constantemente atrás de novos produtos. Como descreve Saraiva (2009, p. 3), um consumidor endividado, não apenas financeiramente, mas com o próprio ato de consumir.



pois um *novo velho*, um/a velho/a ativo/a, que deve se manter a partir das figuras do *governo* da atividade, seja física, cognitiva, sexual ou informacional.

2 O ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO: IMAGENS E GESTÃO DOS CORPOS

As transformações culturais, históricas e sociais promovidas na contemporaneidade colocaram o corpo no centro dos investimentos pessoais. Nessa direção, o corpo tornou-se literalmente, como destaca Malysse (2002), um cartão de visita, uma estância de conhecer, classificar e avaliar o outro. Para a autora (ibidem, p. 492), evidencia-se, na contemporaneidade, a necessidade de distinção entre os indivíduos, e é “o corpo que faz esse papel de individualização”.

O corpo passou a ter um valor cultural que integra e/ou exclui o indivíduo a um grupo e, ao mesmo tempo, destaca-o dos demais. Nesse sentido, observa-se que há, atualmente, um imaginário cultural que tende a dar ênfase para cuidar da forma física, que apela para uma não precariedade da carne, que apresenta numerosas práticas cujo intuito é remediar as deficiências do orgânico por meio de procedimentos técnicos e de métodos de gestão e controle dos corpos. Para Goldenberg (2002, p. 29) está em curso uma “intensificação do culto ao corpo e à aparência”:

[...] no Brasil de hoje, o corpo é um valor, um corpo distintivo, [...] um corpo que atinge a “boa forma”, como um corpo que distingue como superior àquele que o possui, um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício. No Brasil, o corpo é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias e também das camadas pobres, que percebem “o corpo” como um veículo fundamental de ascensão social e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual. (GOLDENBERG, 2002, p. 29).

A exacerbação das aparências, constituída por meio das imagens, envolve a corporalidade. A demanda das imagens de *performance* corporal impõe uma estetização da existência. Essa cultura das imagens reflete um dos “símbolos do capitalismo” (LAZZARATO, 2006) e nos acompanha, quando ligamos a televisão, ouvimos o rádio, lemos uma revista, um jornal, ou simplesmente quando circulamos na cidade, nos deparamos com os cartazes afixados nos transportes, nas ruas. Assim, não há como negar o enorme efeito das imagens na formação da vontade do consumidor. Birman (2006, p. 167) sublinha:

A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilharesco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Institui assim



a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência em sua evanescência brilhosa.

Para o autor (ibidem, p. 167), o “autocentramento do sujeito” e o amor desmedido da autoimagem configuram-se como o excesso de exterioridade:

[...] uma inversão fundamental que se operou, uma migração de posições aconteceu no campo social, pois agora o sujeito fora-de-si, em sua modalidade, é socialmente integrado e investido. [...] Esta é então a figuração original do sujeito fora-de-si que a pós-modernidade está em vias de constituir, em que as formas perversas de gozar realizam o projeto da subjetividade.

É a “individualidade em busca da universalidade de um corpo que deve ser cuidado para o mundo” (BIRMAN, 2006, P. 167). O individual submete-se a um *novo corpo*, como expressão de cuidado com a aparência. O corpo assume um papel identitário para o qual a atenção dos indivíduos se volta:

[...] o cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde e a boa forma. Inventam-se um novo modelo de identidade, a bioidentidade, e uma nova preocupação consigo, a bioascese, nos quais o fitness é uma suprema virtude. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra cientificamente que aprova ou condena outras aspirações (...). (COSTA, 2004, p. 190).

De acordo com Lazzarato (2006, p. 14 “consumir já não se limita ao ato de adquirir algo e utilizá-lo: consumir é pertencer a um mundo”. A família deixou de ser a principal referência na constituição desses modelos, sendo substituída pelos especialistas, pelos grupos de pares, pela mídia e pela indústria das imagens que penetram e colonizam o inconsciente. Não só penetram “nas esferas as mais infinitesimais da existência, mas também as mobilizam, as põem para trabalhar, as exploram e ampliam, produzindo uma plasticidade subjetiva sem precedente” (PELBART, 2009, p. 20).

3 O IDOSO E A MÍDIA IMPRESSA

Pesquisas mostram que jovens leem muita notícia *on-line* e raramente leem jornais impressos. Essa relação se altera um pouco nas faixas de 30 a 65 anos, com maior aceitação de jornais impressos, ainda que a internet apareça como um veículo de crescente importância para esses grupos. Entre idosos



com 65 anos ou mais, existe maior resistência em consumir informações por meios eletrônicos (exceto televisão) e há maior atração por revistas e jornais impressos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2010).

Desse modo, iniciei a pesquisa a partir caderno jornalístico denominado *Saúde*, veiculado dentro do Jornal da Manhã, o qual circula diariamente na cidade de Ijuí (RS)⁵. O Jornal da Manhã é o mais tradicional da região, sendo considerado um dos mais vendidos. Seu público leitor é composto, majoritariamente, por mulheres adultas, de todas as classes sociais, embora haja prevalência das de classes média e alta, escolarizadas, com renda própria, que são as que mantêm assinatura.

Os encartes editados durante os anos de 2008 a 2010, num total de 24, foram analisados visando a discutir a seguinte questão: de que modo as imagens apresentam a experiência do envelhecimento? Entendo que o caderno *Saúde* se identifica como uma alternativa a mais, dentro do universo midiático brasileiro. Perguntava-me, inicialmente, se as abordagens dadas pela mídia local impressa ao assunto do envelhecimento ilustram diferenças com as de uma mídia mais global e/ou se mostram aspectos de uma certa “cultura das mídias”. Elegi o caderno *Saúde*, do Jornal da Manhã, no sentido de pensar como essa preocupação com o corpo velho se apresenta em um âmbito mais particularizado, veiculado em uma comunidade de porte médio, como é o município de Ijuí.

Do ponto de vista da metodologia adotada, realizei as análises valendo-me das contribuições de Foucault no que tange aos conceitos de discurso e enunciado. O autor sugere (2004) que o/a pesquisador/a tome os discursos, em sua materialidade, e tencione suas condições de produção e as posições de sujeito neles descritas. Instrumentalizada por esse “modo de ver”, optei por mapear as imagens e os enunciados no encarte *Saúde*, observando as suas regularidades, insistências e repetições.

Assim, analisei as imagens que frequentemente integram os textos dos encartes não como peças ilustrativas, mas como prática discursiva. Soares (2002) e Goellner (2003) ensinam que as imagens não são independentes, pois estão ligadas a determinados regimes de poder e movimentam significados, induzindo a que se vejam algumas coisas em detrimento de outras.

A fim de situar as experiências de socialização contemporâneas do envelhecimento, veiculadas por meio de imagens, trago algumas das imagens facilmente localizadas no referido caderno que nos apontam assim para a *reinvenção da velhice*, a partir de produção capital dos corpos. Tais imagens são parte de um novo modo de envelhecer – em que se incorporam as expressões *vida ativa* e *fortalecimento muscular* –, instrumentalizando os velhos e as velhas para se sentirem *modernos* e socialmente aceitos nesta era da vida ativa.

Ao longo do trabalho de análise puderam se observar mudanças que sugeriram a construção de três abrangentes categorias de discursos sobre o corpo e o envelhecimento: o discurso médico (memória), o discurso dietético e o discurso da atividade física. Os dados coletados até o momento, ainda que parciais e muito pontuais em relação ao campo da Educação Física, apontam para a chamada *reinvenção da velhice*.

⁵ Ijuí é um município brasileiro de porte médio, localizado no interior do Estado do Rio Grande do Sul, com uma população de aproximadamente 79.719 habitantes e uma taxa populacional urbana de 90,05% e rural de 9,95%. Apresenta, conforme a Secretaria de Planejamento e Coordenação (Seplan), uma taxa de analfabetismo de 4,78% (2007); expectativa de vida ao nascer de 69,14 anos (2000), e coeficiente de mortalidade infantil de 11,43 por mil nascidos vivos (2008).



4 A ERA DA VIDA ATIVA

Nas imagens a seguir, a velhice estaria a exigir estímulo e incentivo em direção a uma vida mais ativa, saudável, produtiva e independente. As fotografias de vovós fazendo tricô ou passeando com os netos são cada vez mais incomuns, sendo substituídas por uma barulhenta campanha identitária que investe na invenção de uma nova imagem, em que os idosos são reposicionados e descritos como velhos com atitude, velhos em atividade. Como se vê nas imagens destacadas, os velhos invadem as praias, as academias de ginástica, nadam, percorrem trilhas, adquirem indumentárias e artefatos esportivos.



Figura 1 – Jornal da Manhã, n. 245, jul. 2008.

Aquele idoso aposentado, deitado em uma rede, cuidando dos netos ou exercendo qualquer atividade por diletantismo é quase uma provocação, é coisa do passado. Perguntamos: que imagens, em uma campanha de saúde de hoje, promovem, por exemplo, o uso da bengala⁶? A matrona que envelhecia sentada na cadeira de balanço agora se instala na esteira, sobre a bicicleta ergométrica, no *spinning*, no *jump*. Trata-se de um corpo idoso, aberto às ressignificações socioidentitárias e às transformações da forma e da condição física. Atualmente, temos o que poderíamos chamar de *velhos/as olímpicos/as* – que disputam um corpo grandioso, que enfrentam os ferros das academias, comungam suores, viram atletas e adquirem viço –, que refletem o estilo de vida ativo. Assim, emerge uma estética esportiva voltada aos corpos idosos.

Nesse contexto, a prática de atividades físicas ganha centralidade em quase todos os encartes, colaborando para veicular a ideia de que um idoso saudável e consciente exercita-se de forma permanente. Fraga (2006) aponta para o fato de que o século XXI se constitui como a “era do corpo ativo”, na qual se busca uma existência em que valores da corporeidade possam se pronunciar, calcando-se em conceitos de qualidade de vida.

⁶ A bengala não deveria ser encarada como um sinal de dependência, mas como um símbolo de segurança. Seria interessante mostrar que a falta de bengala leva a quedas e fraturas, um dos maiores problemas de saúde pública do nosso país.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A nova receita de bem-estar é “envelhecer, mas em atividade”⁷, a atividade física como dispositivo discursivo para exorcizar o *pecado* contemporâneo, chamado sedentarismo. A categoria *sedentário* é uma espécie de metáfora empregada para designar indolência, preguiça e uma inaceitável falta de cuidado consigo próprio. De acordo com Fraga (2006), o sedentário, hoje, é alguém responsabilizado por seu desleixo à aparência física e à saúde; alguém que, constantemente está em falta com o rigor prescritivo dos comportamentos saudáveis, entre os quais se incluiu a vida ativa e a prática das atividades físicas. Nesse sentido, diversas práticas corporais e de competições, que outrora não faziam sentido na vida dos idosos, aparecem atualmente como *remédio*⁸.

Para Debert (1999, p. 125), as novas imagens de envelhecimento – e incluo aqui as do/a idoso/a ativo/a – “são, sem dúvida, expressões de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem o modo de construção das identidades”. Para a autora, nesse movimento há uma forte valorização da juventude e da vitalidade, que aciona mercados de consumo e transforma a velhice em uma responsabilidade individual. Ela conclui, ainda:

Engolidos pelas concepções autopreservacionistas do corpo, os gerontólogos [e quase todos os profissionais da saúde] têm agora como tarefa encorajar os indivíduos a adotarem estratégias para combater a deteriorização e a decadência. Afinados com a burocracia estatal, que procura reduzir os custos com a saúde, educando o público para evitar a negligência corporal, os gerontólogos abrem também novos mercados para a indústria voltada para o rejuvenescimento. (ibidem, p. 127-128).

Motta (1996) vê nesse contexto um paradoxo da gerontologia: à medida que é uma ciência que dá todo um novo estatuto ao envelhecimento, propaga ao mesmo tempo um padrão de comportamento de quase negação do envelhecimento. Para a autora,

[...] a categoria terceira idade vem representando o positivo – daí a rápida aceitação e difusão no cotidiano e até entre os pesquisadores –, mas por trás dessa nova imagem do idoso dinâmico e saudável que ela vem representando, estão colocados o eufemismo/escapismo negador da velhice e uma indústria e produção de serviços, com um novo e evolvente mercado. (ibidem, p. 113).

⁷ As imagens e os discursos da saúde situam-se dentro dessa concepção neo-higienista (SOARES, 2006).

⁸ É preciso dizer que não se está negando os já conhecidos benefícios que a prática da atividade física pode proporcionar aos corpos idosos. Longe disso, a questão é destacar a imposição dos valores e significados das práticas da atividade física, na atualidade, por meio de uma perspectiva imperativa, impositiva, culpabilizante, que povoa o imaginário social de nossas coletividades.



Ativo, na sociedade atual, significa ágil, diligente, vivo, sendo também reinterpretado como quem tem resultados efetivos, forte na ação, atuante, participante. Nesse momento, observa-se a maximização da produtividade dessas identidades. Foucault (2004) ensina-nos a observar o quanto as identidades dependem de uma produção, de todo um investimento discursivo que as traduz numa prática narrada nos corpos.

Com isso, os idosos apoiam-se nesses enunciados ativos para expressar uma imagem que quase escorre de suas vidas ao envelhecer. Os homens e as mulheres idosas tentam afastar-se do mundo lento, morno e vagaroso, para um modo de uma aparente potência. Desse modo, eles/as decifram o mundo e a vida ativos como uma possibilidade da existência, representada por um corpo sem pecado, por isso limpo, ágil e leve.

O enunciado do/a idoso/a ativo/a irradia-se para outras dimensões: social, sexual, lúdica. Sobre esse aspecto, a experiência da racionalidade da vida ativa apresenta-se como uma das diversas maneiras em que o/a idoso/a se decifra para se reconhecer como sujeito. Manter-se ativo/a é visto como uma valorização social. Cabe destacar que as imagens e os enunciados convergem numa direção: mais do que um/a idoso/a ativo é, ainda, o/a que adquire, conserva, promove a musculatura⁹.

Diante destas perspectivas contemporâneas de envelhecimento, torna-se impossível falar de identidade única, acabada. Para Bauman (2005, p. 17, 21-22):

Tornamo-nos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento como para a identidade. [...] a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então, lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

5 A MUSCULAÇÃO

⁹ Depois das descobertas de que a musculação ajuda a queimar gordura durante e depois do treino, a bola da vez é aliar a musculação (o exercício com peso) à consciência corporal, para deixar o corpo *tinindo*. Esse novo jeito de potencializar a musculação une o que há de melhor, pois os exercícios com carga partem do princípio de que os músculos precisam ser desafiados para ficarem firmes e fortes. Prega-se a importância não só do benefício estético, mas de um ganho em saúde e bem-estar.

No que diz respeito à corporalidade, as imagens destacadas abaixo supervalorizam a atividade física, parecendo ir ao encontro do desejo de manutenção da potência muscular, apesar do envelhecimento. As fotografias incentivam e orientam para a construção de corpos velhos ativos e magros, mas musculosos, parecendo ampliar a ideia do *novo homem e da nova mulher*.

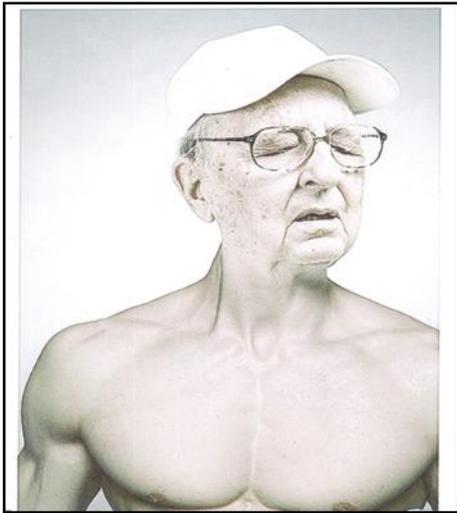


Figura 2 – Jornal da Manhã, n. 265, 2009.



Figura 3 – Jornal da Manhã, n. 275, 2008.

Nas imagens, observa-se que os rostos são de um idoso e uma idosa respeitáveis. A imagem masculina é de um senhor com poucos cabelos, e os que restam estão todos brancos; seu corpo é musculoso como o de um sujeito de 30 anos. A imagem feminina ilustra uma senhora com alteres, dando a ideia de que esteja praticando musculação. Essas imagens aparecem com frequência em anúncios e em



reportagens semanais que abordam o *gerenciamento de idade*, um campo crescente numa sociedade obcecada pela forma física. Segundo Kehl (2004), para ocupar mais espaço no mundo contemporâneo, é necessário fazer a imagem crescer.

Não basta ter um rosto harmonioso, um corpo bem proporcionado. É preciso aumentar a taxa de visibilidade, [...] é preciso fazer a imagem crescer. Inflar os bíceps, as nádegas, os peitos, aumentar as bochechas, esticar o comprimento dos cabelos. A receita da beleza no terceiro milênio deve ser: muito tudo. Menos gordura. (KEHL, 2004, p. 17).

O fortalecimento da potencialização do músculo – ou seja, a musculação – está mesmo na moda, sobretudo para os idosos. Parece que é o momento de inclusive as mulheres mostrarem a sua força física, com músculos esculpido por horas de exercício. A conquista da potencialização muscular pressupõe, como ensinam essas imagens, uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes, enfim, um gerenciamento racional, de capital específico, que os recursos físicos representam. Desdobra-se num cenário de matematização: peso, porcentagem de gordura corporal, massa gorda *versus* massa muscular. O novo treino *puxado* é reforçado conforme as últimas descobertas da atividade de musculação. O cultivo, agora, é o do músculo/corpo.

O músculo, no contexto contemporâneo, marca e é marcado. A musculatura é tida como um dos modos privilegiados de visibilidade dos corpos no anonimato urbano das fisionomias¹⁰. Para Malysse, as representações (2002, p. 119)

[...] da aparência nas cenas sociais mostram que a semiótica da aparência muscular se tornou hoje, no Brasil, quase mais significativa, tanto econômica quanto socialmente, do que as da cor e as do gênero. O culto e os jogos da aparência muscular são válidos porque inscrevem em uma cena vasta, em que cada pessoa é o mesmo tempo ator e espectador.

Entre os verbos prescritos para idosos/as, o mais empregado é *malhar*. “Malhar como se malha o ferro, malhar significando o intenso esforço”, embutido no significante dessas práticas corporais (BAUMAN, 2007, p. 123). Trabalhar do braço à panturrilha, do bíceps ao abdome, da coxa ao culote, cada parte pode ser resculpida. Essa exigência de potencialização do músculo parece, de fato, não uma

¹⁰ Não é incomum ver fisiculturistas, ao andar, movimentando bem pouco os braços, mantendo-os afastados do tronco. O fisiculturista “não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto importante” (COURTINE, 1995, p. 82), personificando a ideia do músculo espetáculo. Trata-se da satisfação em mostrar o corpo moldado, construído, admirado, tanto aos colegas de treino quanto à sociedade envolvente: amigos, família, netos e meros desconhecidos que lançam olhares aprovativos (ou não) às pessoas quando cruzam com elas nos mais variados espaços.



invenção diferenciada de vida, mas aquilo que se prescreve como normalidade canônica do corpo sarado, mesmo diante do envelhecimento.

No entanto ocorre com o trabalho muscular o mesmo que com quase todas as técnicas atuais de construção do corpo perfeito: a revelação de um comportamento que oscila entre *esconder* a prática de tais procedimentos e, ao mesmo tempo, *ostentar*, na medida em que são indicativos de *status*. Assumir sessões de treinamento no fisiculturismo atesta, no mínimo, duas condutas importantes aos idosos: *status* social (já que a prática exige disciplina e desempenho), e adesão à ética corporal da perfeição (potencialização) física, pleiteando o *status* simbólico dessa condição.

Kehl descreve a recente e crescente ascendência dada à aparência:

O corpo – mas o corpo vestido, domado pela compostura e embalado pelo código das roupas – era o primeiro signo que o self-made-man em ascensão, sem antecedentes nobres, emitia diante do outro a respeito de quem ele “é”. A aparência substituiu, com vantagens democráticas, o “sangue”. O corpo bem comportado e bem vestido de até poucas décadas atrás dizia: sou uma pessoa decente, confiável, honrada – e meus negócios vão bem. [...] Hoje o corpo malhado, sarado, siliconado do novo milênio limita-se a confirmar: sou um corpo malhado, sarado, siliconado. (KEHL, 2004, p. 178).

Para além da mudança no valor que se agrega ao corpo músculo – a passagem do corpo bem vestido ao corpo em forma (com músculos definidos) –, a segmentação dos públicos femininos e masculinos promove a aparição de representações ausentes anteriormente. O corpo masculino apresentava-se, até meados da década de 1990, em imagens de campanhas publicitárias, na sua maioria, em posições sociais como as de provedor, trabalhador, pai e marido¹¹. Na década de 2000, no entanto, começaram a observar-se imagens de corpo masculino fora das posições sociais mencionadas: desnudos, em atividade física, preocupados com a beleza, em representações recorrentes do corpo masculino.

O corpo é visto como um capital, tal como as imagens nos informam. Por isso, necessita ser investido, trabalhado, malhado para ser valorizado e dispor de condições de competitividade. Para as idosas e os idosos do século XXI, os seus corpos não são vistos como algo dado: sua anatomia não é mais definida pelo destino (SANT’ANNA, 1995), mas um capital, logo um projeto do qual não se pode descuidar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹¹ Ver: HOFF, Tânia; FELERICO, Selma. Precisa-se de homens bonitos: a disciplinarização no discurso da beleza masculina na mídia impressa. In: CASTILHO, Kátia (org.). **Em torno da masculinidade**. São Paulo: Estação das Letras, 2008.



Parece que os vocábulos *ativo* e *musculoso* adjetivam a construção de um novo corpo, que se combina à forma leve e iluminada de viver o envelhecimento na contemporaneidade. Assim, eles e elas podem caminhar apressadamente por entre as vias públicas e com vigor, sem se sentirem diferentes (porque velhos) e, conseqüentemente, podem perceber-se mais presentes nos acordos com o mundo contemporâneo. Ao sentirem-se ativos e fortes, os idosos conciliam-se e (re)identificam-se no mesmo mundo que os ameaça e pode estigmatizá-los caso não forem ativos e fortes.

Nota-se que homens e mulheres idosos são submetidos às tecnologias do corpo (ativo e musculoso), embora haja o reconhecimento à existência de uma produção diferenciada. A partir das imagens inicialmente mapeadas, é sobre o corpo feminino que se tem um investimento estético mais acentuado. É importante destacar que, na trajetória de vida das mulheres, o cuidado e a intervenção iniciam muito cedo, e hoje alcançam até a velhice, pelo controle dos sinais corporais de envelhecimento por meio de musculação, cirurgias, reposição hormonal e remédios. Para Bordo (1997, p. 20), “em comparação com qualquer outro período, nós mulheres, estamos hoje gastando muito mais tempo com o tratamento e disciplina de nossos corpos”.

Como vimos, há um constante investimento da cultura na produção de feminilidades e masculinidades no envelhecimento. Isso significa que aprendemos a ser velhos e velhas de distintos modos e em distintos lugares sociais, e que o que se define como envelhecer está intrinsecamente relacionado a contextos históricos e culturais específicos (MEYER, 2006).

As imagens de velhos/as oferecidas ao/à leitor/a pela cultura contemporânea são de uma velhice que se associa à vida ativa e ao corpo malhado, promotoras de um distanciamento da aparência decaída dos corpos, própria do envelhecimento. Para concluir, deixo uma provocação: as imagens de idosos que apelam ao corpo ativo e malhado são representativas de um movimento do *novo velho ativo* para instigarmos a manter-nos numa cultura da constante atividade, ou será para camuflar e/ou esconder o nosso medo da velhice?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento na contemporaneidade: sobre o sujeito na modernidade e na pós-modernidade. **Revista Trieb**, Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jun./dez. 2006.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE André. Governo dos corpos e escola contemporânea: pedagogia do *fitness*. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v. 34, n. 2, 2009.



COSTA, Jurandir Freire. **Saúde mental, produto da educação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Segurança, território, população.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Nascimento da biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Ijuí: Unijuí, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira. In GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido.** Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. São Paulo: Record, 2002.

KEHL, Maria Rita. Com que corpo eu vou? In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita (org.). **Videologias.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. Ethos empresarial: el “capital humano” como valor social. **Estudios Sociológicos**, v. 25, n. 74, p. 399-425, mai./ago. 2007.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo:** capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

LUFT, Lya. **Mar de dentro.** Porto Alegre: Editora Arx, 2002.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) **Nu e vestido.** Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da modernidade. **Gênero: núcleo transdisciplinar de estudos de gênero**, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.

MOTTA, Alda Britto da. Os velhos baianos (e a música é cada vez mais nova). **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 1, p. 123-158, 1996.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

SARAIVA, Karla. **Um consumidor endividado não apenas financeiramente, mas com o próprio ato de consumir**. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congres2009>>. Acesso em: 12 fev.2011

SCHACHTER-SHALOMI, Zalman. **Mais velhos, mais sábios**. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

SOARES, Carmen. Memórias da natureza: Georges Hébert e a educação do corpo. **Revista Digital**, Buenos Aires, Año. 8, n. 55, Diciembre de 2002.

Maria Simone Vione Schwengber

José Bonifácio n 1521.

Ijuí-Rs 987000000

simone@unijui.edu.br